



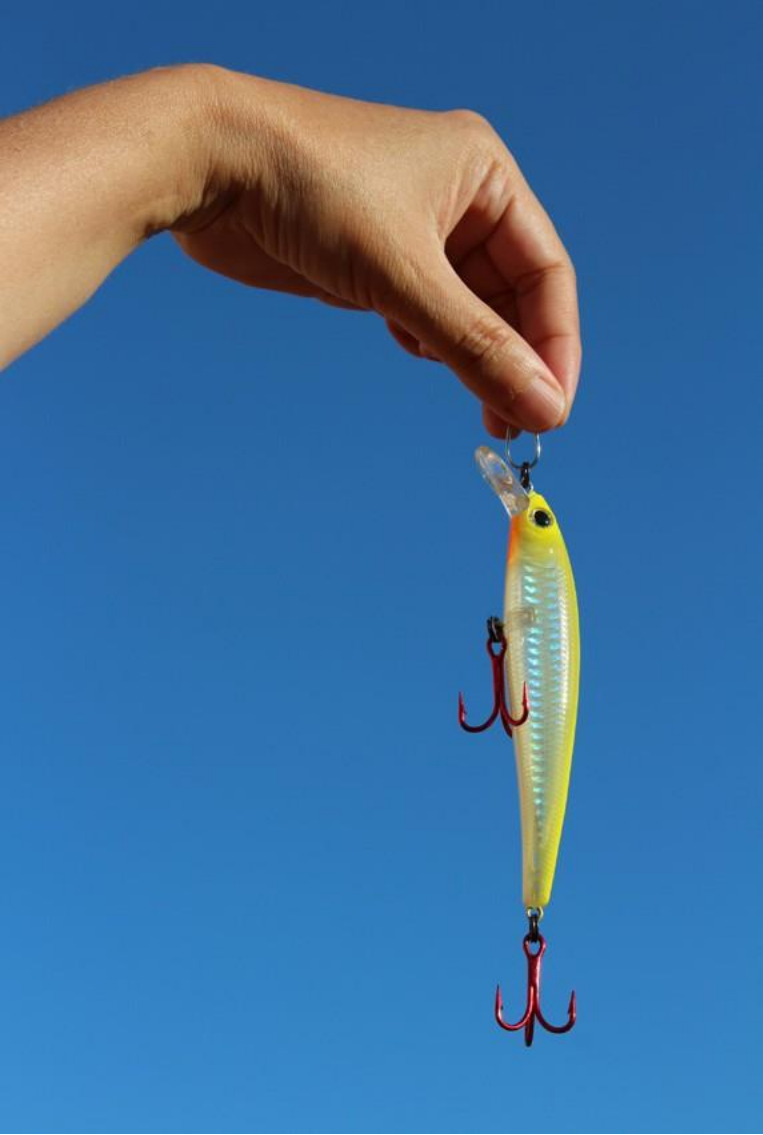
*(peixe, sombra)
dentrofora (do céu da boca)
d'água (,)*
Instalação, 2013. Elementos
utilizados: fotografias e recortes
em vinil adesivo.

(peixe, sombra)
dentrofora (do céu da boca)
d'água (,)
Instalação, 2013. Elementos
utilizados: fotografias e recortes
em vinil adesivo.





Bienal de veneza / 2013



Bienal de venezuela / 2013



Bienal de venezuela / 2013





(peixe, sombra)
dentrofora (do céu da boca)
d'água (,)
Instalação, 2013. Elementos
utilizados: fotografias e recortes
em vinil adesivo.





Bienal de veneza / 2013

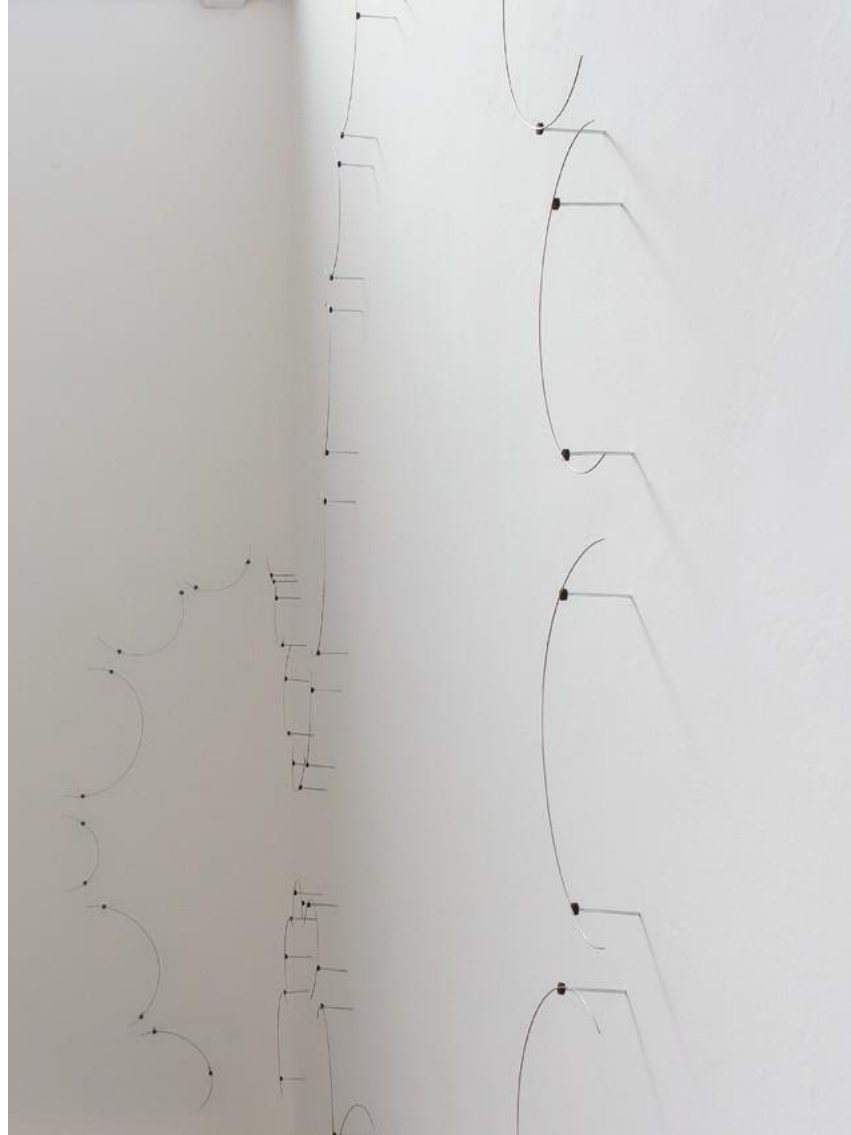


Desenho

Instalação, 1992/2013. Materiais utilizados: fios metálicos, pregos e ímãs.

Desenho

Instalação, 1992/2013. Materiais
utilizados: fios metálicos, pregos
e ímãs.



Bienal de vенеza / 2013

Hélio Ferverza - Entrevista com André Severo

*Publicada no catálogo da exposição
Dentro / Fora - Inside / Outside, curadoria
de Luís Pérez-Oramas e André Severo,
pavilhão brasileiro na 55ª Bienal de
Veneza - The Encyclopedic Palace, Veneza,
Itália, 2013.*

AS: Pontuações, inscrições, intervalos. Seu repertório poético parece se caracterizar, sobretudo, por operações pontuais no espaço expositivo. Essas pontuações relacionam elementos gráficos, objetos e contextos de instalação para compor uma estética particular, austera e pouco espetacular, de valorização do silêncio e dos espaços intersticiais da linguagem. Vejo sua obra, ao mesmo tempo, como uma tentativa de aproximação daquilo que escapa à percepção imediata; como uma reflexão sobre os aspectos que produzem a apresentação de um objeto, ação ou situação como arte e também como uma reflexão sobre as condições que permitem a visibilidade - ou a não-visibilidade - de uma obra. Tomando por base que essa produção parece se constituir também como uma operação deliberada do entrecruzamento dos múltiplos dispositivos que podem operar sobre a visualidade (entre eles o próprio ambiente de apresentação de uma obra), seria correto afirmar que a exploração da relação entre o visível e o invisível em sua obra configura também uma tentativa de focar os fenômenos de inter-relação entre a obra e seu espaço (qualquer que seja ele) de apresentação?

HF: Sim. Escrevi anteriormente que espaço de apresentação é aquele que surge no entrecruzamento dos movimentos orientados a

partir dos gestos e dos fenômenos de indicar e fazer ver, isto é, que ele se instaura no entrecruzamento das diferentes operações, gestos e sistemas de indicação. Sua referência imediata é o campo artístico, mas sua manifestação abarca todas as situações e atividades em que ele medeia uma relação na qual é enfatizada a possibilidade de certo olhar - no sentido amplo do termo. O entrecruzamento do qual falo estabelece que tipo de espaço está sendo criado e quais concepções da arte são ali circunstancialmente enunciadas. Essas concepções surgem no jogo das relações entre as partes, a tal ponto que talvez seja possível afirmar que são as formas de apresentação que instauram as concepções da arte, e não o contrário. A apresentação é uma indicação que enfatiza algo no olhar, mas o que a possibilita não é necessariamente visual nem visível, e sua problematização pode nos levar por caminhos no limite do perceptível físico ou simbólico, em zigue-zague pelas bordas da arte e da não arte, pois há ocasiões em que não há uma moldura cultural que delimite claramente o espaço da arte. Às vezes aquilo que indica, que faz sinal, pode provir de um fundo cultural, de um fundo de imagens, de um resíduo de linguagem, de flutuações, conexões ou interrupções do sentido. Furtivo, por exemplo, é o nome de um

trabalho que realizei em 2003, colando adesivos transparentes com a silhueta do avião F-117 sobre monitores de caixas automáticos de bancos. Era um trabalho bastante absurdo. Viveu de ser quase invisível, apesar de proveniente das artes ditas visuais, onde pareceria que, por princípio, houvesse uma ênfase na ... visibilidade. Nossa época também parece ser assim. A visibilidade, ou certo tipo de visibilidade, é exacerbada, e para muitos isso é tudo. Mas a constituição do visível é bem mais do que isso ou, deveria dizer, que é um menos do que isso? Curiosamente, Furtivo viveu à beira do desaparecimento. Assim como o avião do qual tirou emprestado seu nome, caracterizava-se pela dificuldade em ser percebido por certo sistema de referência e localização. Parece que era isso que ele problematizava. Nosso mundo é povoado por sistemas de signos e percepções que também, ou sobretudo, são sistemas de valores. Na maior parte do tempo não vemos e não compreendemos como esses sistemas se estabelecem e se relacionam, e grande parte da produção de visibilidades colabora com esse estado de coisas. O assunto do Furtivo - se é que ele tem um - poderia ser a dificuldade perceptiva na qual vivemos hoje diante do mundo. Certas formas e informações estão lá, diante de nós, integram a pele do mundo, mas não conseguimos enxergá-las ou lê-las. Nós não

somos simplesmente desviados de nossas decisões sobre o mundo, nós somos afastados ou conduzidos pelas linguagens produzidas nele e pelos valores que as acompanham. A intervenção com os adesivos e as conversas, perguntas e textos que o acompanharam mostram o quanto em certo sentido era uma espécie de trabalho ao mesmo tempo visual e teórico.

AS: Produção, formas de apresentação, exposição. Em sua produção artística mais recente, percebo uma atenção cada vez mais voltada no elencamento de aspectos que poderiam ser relacionados diretamente com a noção de apresentação - seja dentro do espaço de exposição, seja por outras formas (livros, textos, cartazes, vídeos, cartões de visita etc.) de expor um pensamento formulado através da experiência com a arte. Ao mesmo tempo, sua produção textual revela um artista inquieto diante dos problemas da criação - bem como do universo de valores sociais, políticos e econômicos envolvidos na inscrição da obra de arte em seu sistema de circulação e legitimação. Considerando-se que a noção de apresentação, em sua obra, não se restringe aos espaços de exposição, você poderia dizer de que modo suas ponderações sobre as noções de apresentação e de exposição - como constituintes de aspectos distintos das

possibilidades de comunicar um pensamento no campo das artes visuais contemporâneas - nos indicariam os limites da atuação desse campo e das concepções de arte nele relacionadas?

HF: Inicialmente, é importante esclarecer que exposição e apresentação possuem diferenças em seus atributos e abrangências semânticas. A noção de apresentação é mais ampla que a de exposição, podendo englobá-la. No caso do espaço de exposição, os operadores atuantes parecem ser mais facilmente detectáveis, e o que pode ser problematizado são as circunstâncias e os discursos que a apresentação articula, na qual isso que é apresentado passa a se tornar arte, ter visibilidade de arte ou, muitas vezes, passa a ser um critério, um paradigma, uma referência para a arte. Mas, o que ocorre com a apresentação de uma produção fora dos circuitos da arte? A questão surge porque, se olharmos para a arte produzida nos últimos cem anos, fica claro que o circuito de exposições ou o mercado de arte, por exemplo, não dão conta da totalidade e da diversidade das experiências da arte. Assim, efetuei (e continuo a efetuar) experiências a partir da interrogação sobre como uma determinada proposta artística se relaciona com sua apresentação fora de um espaço expositivo, através de trabalhos como Apresentações do

deserto, Furtivo, Transposições do deserto, Objetos mentais, País do futuro, Oásis (o lugar do avesso), Transplantes, Telefone sem fim... Comecei a indagar também sobre a experiência e seus usos nos dias de hoje, sobre sua mediação nos espaços da arte, sobre a capacidade da própria apresentação de criar situações e processos artísticos. As numerosas e diferentes definições e concepções da arte me levam a pensar que não estamos diante de algo palpável como um objeto, mas diante de espaços de relações (indicadores de espaços entre). É como se o campo da arte na contemporaneidade se constituísse a partir de múltiplos espaços, que por vezes são falhas, faltas, vácuos, vazios, mas que permitem a intensa absorção de diferentes práticas, saberes e energias. Para mim não há uma essência da arte: a arte é uma invenção que se transforma pela invenção (assim como suas definições e seus critérios), todo dia é outra cor ou, se quisermos, é a cor que o vazio veste antes de dissolvê-la. A arte inventa o que quer ser.

AS: Reflexões, processos, autoapresentação. Algumas das suas reflexões textuais abordam atividades e produções artísticas que não visam necessariamente a uma apresentação no sentido de exposição - tampouco a um público ou observador específico. São ponderações, a

meu ver, extremamente contundentes, que não somente enfatizam os processos de criação e as vivências artísticas pessoais, mas também fazem deter atenção sobre o uso - na construção mesma do pensamento artístico - de conhecimentos, situações ou materiais não pertencentes, em princípio, às práticas ou tradições do campo da arte. Ao tecer questionamentos sobre a possibilidade do espaço da arte estar restrito às operações paradigmáticas do ambiente de exibição, você parece nos indicar que a noção de exposição - ao menos da maneira como tem sido praticada nas últimas décadas - colocaria entraves às possibilidades críticas e às inquietações da arte. Partindo de tal princípio, de que maneira a ideia de autoapresentação, criada e conceituada por você, poderia ampliar tais possibilidades?

HF: Um ponto que me parece importante ressaltar, é o de que a arte não detém o monopólio do imaginário. No caso específico das artes visuais, essa situação torna-se mais evidente como uma consequência lógica da perda do monopólio da produção de imagens que se inicia no século 19. Há um poderoso imaginário criado pela tecnologia, economia, publicidade, indústria, design, arquitetura e construção civil, mercado imobiliário, meios de comunicação que, de uma forma geral, impacta mais o público do

que qualquer forma de arte. Esses imaginários circulam em todos os setores da vida social, já naturalizados, tornados realidades, concretudes. Além disso, obviamente, grande parte da arte e suas diversas instâncias também já absorveram e foram absorvidas pelos meios de produção, circulação e pelos imaginários da economia, da publicidade e do espetáculo, naturalizando, por sua vez, o olhar sobre essas reais ficcionalizações. Ora, haveria então outra função ou posição da arte diante disso? Talvez a autoapresentação contribua com a possibilidade da criação de outro olhar sobre esses imaginários a partir de uma posição outra, dentrofora da arte, e assim dar-lhes outro sentido, outra narrativa, outra função, outro valor. Mas, claro, a autoapresentação é apenas um pequeno gesto, e não sem riscos.

AS: Relações, espaço, elementos. Em termos de disposição espacial, suas instalações são, em sua maioria, compostas por poucos objetos, cuidadosamente selecionados e posicionados no ambiente expositivo para valorizar e salientar a potência de comunicação do espaço não preenchido e estabelecer uma linguagem capaz de comunicar algo através das relações dos objetos que nosso olhar captura. Da mesma forma, seus textos utilizam ao máximo o espaço vazio como possibilidade gráfica e parecem revelar

um interesse pelo entrecruzamento entre as linguagens verbal e visual. Ao pontuar - objetual e graficamente - a arquitetura dos diferentes locais em que instaura seu pensamento (e transformá-los, em certo sentido, em elementos de representação), sua obra parece acentuar a existência de algo suspenso que não pode encontrar abrigo na literalidade. Tendo isso em mente, seria correto indicar que seu projeto estético guarda, em última instância, a ambição de servir como plataforma de análise não somente das concepções, contextos, arquiteturas e meios de circulação da arte, mas, sobretudo, da ampliação de seus dispositivos de disseminação e recepção?

HF: A presença de produções visuais em contiguidade com pontuações comuns ao texto literário e a escrita matemática são rumores da linguagem do mundo que flutuam e nos rodeiam como amostragens resultantes da formidável apresentação do sentido no seu surgimento. Ruídos estes como murmúrios, como incompletude ou como a potência de começo de um balbuciar, de um respiro, um sopro ou, ainda, como o seco estalar de bolas de bilhar chocando-se sobre a mesa: sentidos em movimento, deslocamento que engendra deslocamento, escrita movimentando imagem, imagem movimentando escrita, corpo, objeto... É como uma espécie de ruído de fundo

da linguagem do mundo, que persiste em suspensão e, ao mesmo tempo, em subtração, em menos. Assim, o espaçamento, o silêncio, o vazio se articulam como interrupções no sentido. Mas, o vazio para mim não é o nada. Ele é potencialidade. Muitas vezes parece que nos relacionamos com as palavras e conceitos da mesma forma que nos relacionamos com os objetos: só vemos o seu lado cheio, positivo, pleno, compacto, sólido. Não vemos o negativo, a contraforma, o intervalo. Esquecemos as relações entre que surgem nos espaços ou situações intervalares, que se prolongam instáveis, fluidas, circunstanciais, preposicionais, para além dos objetos e signos, trazendo essa possibilidade de conectar e desconectar, de abrir e fechar, de estar dentro e fora. Nesse sentido, a exposição, para mim, é um cruzamento momentâneo de signos, um espaço poroso, de atravessamento, onde o corpo-pensamento articula a obra, suas conjeturas, versões, associações, invenções, dentrofora dali.

[

/

[hélio fervenza /

Vive e trabalha em Porto Alegre, Brasil. Artista plástico, com doutorado em Artes Plásticas pela Université de Paris I Panthéon-Sorbonne, França. É professor do Instituto de Artes da UFRGS e pesquisador do CNPq. Realiza regularmente exposições individuais e coletivas em diversos países desde o início dos anos oitenta: Bienal de Veneza (Itália), Bienal de São Paulo (sala retrospectiva 1990-2012), Bienal de Yakutsk (Rússia), Bienal do Mercosul (Porto Alegre), Museu da Gravura de Curitiba, Museu Victor Meirelles (Florianópolis), Pinacoteca de São Paulo, Bienal de Amsterdã (Holanda), Université de Paris I (França), Instituto Itaú Cultural (São Paulo, Belo Horizonte, Brasília), Centro Cultural del Ministerio de Educación y Cultura (Uruguai), FUNARTE (Rio de Janeiro), MARGS (Porto Alegre), Fundación DANAÉ (França, Espanha), Musée des Beaux-Arts de Verviers (Bélgica), Centro Cultural Recoleta (Argentina), MAC (São Paulo), Centro de Extension PUC (Chile), University of Wisconsin (EUA), Sociedade Nacional de Belas Artes (Portugal), Paço das Artes (São Paulo), Galeria Sztuki BWA (Polônia), Grand Palais (França), Biennale Internationale de Gravure (Eslovênia). Desenvolve atividades artísticas junto ao programa FPES - Perdidos no Espaço. Autor do livro O + é deserto, Documento Areal 3. Site: www.heliofervenza.net, e-mail contato@heliofervenza.net.

